

NIETZSCHE EDUCADOR: NOTAS PARA A REDEFINIÇÃO DA FILOSOFIA

Gislene Almeida¹

RESUMO

Digressão em torno da III Intempestiva nietzschiana, cujo destaque é o problema da formação do indivíduo, bem como o do engendramento do gênio que, por sua vez, se converteria num autêntico mestre. Aborda, também, o aspecto platônico da III Intempestiva, tecendo uma distinção conceitual entre “reino do pensamento” e “reino da razão”.

PALAVRAS-CHAVE: Gênio. Formação do indivíduo. Platonismo.

NIETZSCHE ÉDUCATEUR: DES NOTES POUR LA REDÉFINITION DE LA PHILOSOPHIE

RÉSUMÉ

Il s’agit d’une digression autour de la Troisième considération intempestive nietzscheenne, dont le relief est le problème de la formation de l’individu, ainsi que celui de la naissance du génie qui, de son côté, deviendrait un maître authentique. On aborde aussi l’aspect platonique de la Troisième considération intempestive, en établissant une distinction conceptuelle entre “royaume de la pensée” et “royaume de la raison”.

MOTS-CLÉS: Génie. Formation de l’individu. Platonisme.

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj). Professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

Em um artigo da revista **Arts**, de 1964, intitulado **Il a été mon maître**, Deleuze nos revela a sua admiração por Sartre enquanto um autêntico mestre, aliás, porque autêntico, mestre. Em um mundo cujo sentido da “formação do indivíduo” tem caído em desuso, em favor de um processo irrefletido de “informação” fragmentária, é mesmo de se louvar de maneira entusiasta o achado de um mestre, ou, se se preferir, um “pensador privado” e não um “professor público” (DELEUZE, 2002, p. 109) ou melhor, um “professor” de um conjunto vazio de pensamento.

Em seus escritos sobre educação, Nietzsche põe em relevo uma série de problemas concernentes à criação e desenvolvimento do que ele entende por verdadeira cultura. Vale sublinhar que falei acima em “formação do indivíduo” e não formação de um povo ou de uma cultura, isto porque o indivíduo, a vida, é sempre anterior e hierarquicamente superior à cultura, esta vem a serviço da revelação da natureza humana, e não o contrário, visto que a natureza humana (se me é permitido aqui utilizar a terminologia platônico-nietzscheana tão difusamente presente na **III Intempestiva**) diferente da dos outros seres, só se revela através da cultura, ou das “culturas” (KOFMAN, 1973, p. 146). Destarte, o que importa na sua formação é mesmo a experiência que cada um irá tecer na paulatina descoberta de si e do significado da sua existência, para além das determinações históricas em que se encontra: também por isso a educação é assunto filosófico.

Farei aqui uma breve digressão em torno da **III Intempestiva** nietzscheana intitulada **Schopenhauer Educador**. A leitura desta intempestiva remete-nos à imagem de um Nietzsche à procura, tal como Diógenes, o cínico, de um Homem, mestre para si, os de seu tempo e também para a posteridade. Neste Homem convergiam as três expressões

máximas da espécie, a saber, o filósofo, o artista e o santo. Porém, é sobre o papel do primeiro que Nietzsche dedicará a sua pena de forma mais detida.

Em matéria de filosofia, para Nietzsche, o que interessa mesmo é o filósofo, é o rastro, o índice e o ícone que o mesmo imprimirá na história. Rastro na medida em que deixa um legado de seu pensamento, índice enquanto, a partir da sua expressão integral (vida e obra), vivencia também os “perigos de época”, e ícone porque coincide com um expoente dos “perigos do gênio” ou o que podemos chamar também de “os perigos da vida filosófica”, susceptíveis a qualquer gênio de qualquer época, a saber, “a solidão, o desespero da verdade e os limites morais e intelectuais do homem” (NIETZSCHE, 2003, p. 150-160). Hoelderlin e Kleist, por exemplo, sucumbiram a estes perigos. Só as naturezas fortes podem suportá-los, dentre estes Nietzsche destaca Beethoven, Goethe, Wagner e Schopenhauer. E é a este último que Nietzsche, desconsiderando a fraqueza para com os limites morais ou, para dizer de outro modo, a santidade, confere o estatuto de mestre. Nietzsche destaca os “limites morais e intelectuais do homem” como o perigo que requer maior acuidade, uma vez que cada um guarda em si a possibilidade de endurecimento moral e intelectual, o que frustraria todo projeto criador. Schopenhauer é, nesse sentido, um “milagre”. Entretanto, mais que falar de Schopenhauer como educador, Nietzsche oferece-nos uma inflamada reflexão acerca do que vem a ser a tarefa do mestre, das condições de seu surgimento e, o que é mais importante, das condições em que o mesmo é sentido como necessário no interior de determinada sociedade. Semelhante a Tales que “vislumbrou a unidade do ente, e, quando quis comunicar, falou da água” (NIETZSCHE, 1987, p. 32), Nietzsche, ao vislumbrar o exemplo do mestre Schopenhauer, quando quis comunicá-lo, falou “de si mesmo”:

De que modo entendo o filósofo, como terrível corpo explosivo diante do qual tudo corre perigo, de que modo tanto distancio meu conceito de filósofo de um conceito que inclui até mesmo um Kant, para não falar nos ruminantes acadêmicos e outros professores de filosofia: sobre isso esse trabalho dá inestimável ensinamento, mesmo concedendo que no fundo não é “Schopenhauer educador”, porém seu oposto, “Nietzsche educador”, que assume a palavra. – Considerando que naquele tempo meu ofício era o de erudito, e talvez que eu “entendia” do meu ofício, não é sem significância um acre fragmento de psicologia do erudito que aparece subitamente nesse trabalho: ele exprime meu “sentimento de distância”, a profunda segurança sobre o que em mim pode ser “tarefa” ou apenas meio, entreato e ocupação secundária. É inteligência minha haver sido muitas coisas em muitos lugares, para poder tornar-me “um” – para poder alcançar “uma” coisa. Por um tempo eu “tive” de ser também erudito – (NIETZSCHE, 1995, p. 70-71).

Nietzsche (2003, p. 157) reconhece, portanto, quatorze anos mais tarde, que traçou uma “psicologia do erudito”, observando qual seria o “comportamento” ou a expressão de um mestre para que seja digno do título. Mestre é aquele que está a serviço da “correção da physis”, pois é nesses termos que Nietzsche concebe a cultura. Em outras palavras, mestre é aquele que nos aproxima daquilo que a natureza “gostaria que fôssemos”, se lhe fosse possível essa tarefa teleológica a qual o autêntico educador toma para si. O mestre deve ser uma espécie de artista plástico do espírito, por assim dizer:

A beleza dos vasos antigos, diz Schopenhauer, brota do fato de que eles exprimem com uma grande ingenuidade o que são e o seu objetivo; e ocorre assim também com todos os outros utensílios

dos Antigos: na sua presença, se percebe que, se a natureza produzisse vasos, ânforas, lâmpadas, mesas, cadeiras, elmos, escudos, couraças, etc., estas coisas teriam exatamente este mesmo aspecto. Inversamente, aquele que observe como quase todo mundo hoje lida com a arte, com o Estado, com a religião, com a cultura – para não falar, e com razão, dos nossos “vasos” – este encontrará os homens mergulhados num certo barbarismo arbitrário e num exagero da expressão, e, para o gênio que virá, este é precisamente o principal obstáculo que está em curso nesta época, cheia de noções tão excêntricas e necessidades tão quiméricas: estes são os pesos de ferro que tão frequentemente, invisíveis e inexplicáveis, fazem dobrar a mão quando se quer guiar a charrua – de tal sorte que, mesmo as suas obras mais elevadas, precisamente porque são elevadas à força, devem também carregar consigo, até um certo ponto, a marca desta violência (NIETZSCHE, 2003, p. 203-204).

“Qual é então o valor da vida em geral?” (NIETZSCHE, 2003, p. 163), esta é a pergunta decisiva que cumpre ao filósofo elevar ao patamar em que deveria estar normalmente. No bojo dessa questão se encontra uma outra: qual “a imagem de homem” que queremos? Da resposta a estas questões deriva a ação, que é necessariamente uma luta que visa a esculpir este homem dado na imagem. Não podemos esperar que o Estado se preocupe com tais questões, a este cabe apenas proteger o seu território em caso de ameaça exterior. No que tange à promoção da cultura, o Estado só pode ser conservador ou reacionário, visto que a cultura tem como objetivo primaz o engendramento do gênio que ditará a hierarquia dos valores humanos. Dentre as três “imagens de homem” que Nietzsche destaca, a saber, a de Rousseau, a de Goethe e a de Schopenhauer, é, como se poderia esperar, a deste último que Nietzsche toma como a mais encorajadora porque

o homem de Schopenhauer assume para si o sofrimento voluntário da veracidade e este sofrimento serve para mortificar sua vontade pessoal e para preparar a subversão, a total transformação do seu ser, alvo que constitui o objetivo e o sentido verdadeiros da vida (NIETZSCHE, 2003, p. 171).

Uma vez exposto o ideal de homem que se quer, Nietzsche toca o problema concernente à fundamentação da possibilidade do educar. Trata-se de retirar deste ideal o conjunto de regras que permitem passar do transcendente para o gerenciamento da ação, mostrando assim que “este ideal educa” (NIETZSCHE, 1988, p. 51).

O homem ao qual se aspira tem como objetivo não a felicidade, visto ser a mesma impossível, porém o heroísmo. Trata-se, portanto, de moldar um herói da veracidade, que não sucumbe à inserção na “história do devir”, e assume a tarefa de “destruir tudo o que pertence ao devir, trazer à luz toda a falsidade das coisas” (NIETZSCHE, 1988, p. 174). Reconhecemos aqui uma expressão sólida do platonismo em Nietzsche. Charles Andler chega a afirmar que esta é a noção mais difícil de aceitar

Ela tenderia a fazer crer que a obra da educação é impossível, como em Schopenhauer. Como modificar um caractere “inteligível” escondido no fundo de nós como uma forma pura imóvel? Porém esta fixidez não existe na representação, e ela é, já, uma forma da consciência. O real profundo são os instintos moventes; é o esforço da vontade única onde eles se integram. O que é fora do tempo é esta memória onde residem os arquétipos das imagens, dos caracteres, e esta vontade que nos oferece, na representação, seus aspectos diversos.

Pode, portanto, existir, no eterno, o múltiplo não numérico, mas qualitativo, como existe, no pensamento de um mesmo artista, uma multidão de

imagens, por onde se traduz, entretanto, uma mesma força criadora. Uma tal força plástica trabalha em cada um de nós. O eterno em nós é justamente esta força movente, que se manifesta na consciência sob a forma de um estilo único de todos os nossos atos, ou seja, de um caractere. Falta liberar esta energia (ANDLER, 1958, p. 206-207).

Esta bela interpretação do platonismo nietzscheano põe-nos em contato com o que chamarei aqui de “reino do pensamento”, em contraposição ao “reino da razão”. O primeiro seria regido pelo tempo aiônico: “o tempo é uma criança, criando, jogando o jogo de pedras; vigência da criança” (HERÁCLITO, 1999, p. 73). O pensamento é caracterizado por sua expressão fragmentária, aleatória, indisciplinada, etc., enquanto a razão é caracterizada por uma *démarche* lógica, pela expressão do *logos*, do discurso que pretende “adequar-se” ao ser, ao real. Nietzsche, nesse momento de sua filosofia, encontra-se indefinido no que concerne à adoção de um modo de vida que assuma como diretriz o pensamento (com todas as conseqüências de uma vida inspirada no devir e no acaso) ou a razão (fundamentando assim um ideal asceta). Essa indefinição é constatada mais uma vez através da leitura das últimas partes de **Schopenhauer educador**: percebemos uma vigorosa crítica aos eruditos, aos professores de filosofia que fazem uma “filosofia de professores”, ou seja, retiram da filosofia tudo o que há de vivo, de mobilizante, de inquietante, em uma palavra, o pensamento, a favor da exibição de uma erudição estéril, cuja conseqüência é um acesso de náusea por parte dos jovens estudantes após a submissão a um exame de filosofia. Temos aqui a contraposição, já abordada no **Nascimento da Tragédia**, entre homem trágico e homem teórico. Nietzsche julga malgrado o projeto platônico de a filosofia ficar sob a tutela do Estado. Este último peca justo na seleção daqueles que viriam a ser os produtores e

propagadores do pensamento filosófico. Contra os grandes filósofos por natureza se encontram os maus filósofos pela graça do Estado. A mediocridade e a hipocrisia são intrínsecas ao processo de burocratização da filosofia, na medida em que se fixa previamente hora, lugar, público e assunto para o filosofar – o que, na maioria dos casos, resulta numa fria reprodução da história da filosofia. Este é o maior dos males: transformar a filosofia em uma atividade ridícula. Nietzsche comenta que “daqui e dali, um dentre eles [filósofos universitários] se envolve ainda em torno de uma pequena metafísica – com as conseqüências habituais: vertigem, dor de cabeça e sangramento de nariz” (NIETZSCHE, 1988, p. 89).

Para Nietzsche, o que realmente interessa numa filosofia é a demonstração de que se pode viver segundo a mesma e é isto o que as universidades de então (e, parece, as de hoje também) não têm feito. Nietzsche chega mesmo a desconfiar de que a função do Estado concorre mais para impedir o nascimento do verdadeiro filósofo do que promover os meios necessários para o seu surgimento. O Estado atém-se apenas a fazer bons funcionários e não a formar homens livres e cultivados.

Diante disto, que alternativa resta então para a filosofia? Nietzsche não hesita

[...] é uma necessidade para a cultura retirar à filosofia este reconhecimento do Estado e da Universidade e dispensar absolutamente o Estado e a Universidade da tarefa insolúvel para eles de distinguir entre a verdadeira filosofia e a filosofia aparente. Deixar, portanto, crescer os filósofos ao estado selvagem, recusar-lhes toda perspectiva de emprego e utilidade nas profissões civis, não lisonjear-lhes mais com os tratamentos, melhor ainda: perseguir-lhes, olhar-lhes com desfavor – vós vereis os milagres! (NIETZSCHE, 1988, p. 91).

Ao verdadeiro mestre de filosofia é dada a tarefa de fazer ver que a essência do homem não está nele, mas acima dele, e esta essência é a criação, mesmo que o indivíduo tenha que perecer para afirmar a criação.

A educação, projetando sobre os homens as ilusões salutares, estimula esta energia interior. Ela consiste em enobrecer o esforço onde o homem se consome. O enobrecimento pode vir a todos de uma fascinação projetada sobre eles por uma grande personalidade. Esta educação não pode ser imposta. A revelação se faz por uma via de doçura. Segundo nossas afinidades e nossas forças, nós teremos de descobrir, no presente e no passado, os mestres que queremos imitar. Entraremos, por uma disciplina voluntária, no seu raio de ação. Teremos o sentimento de participar da continuidade dos mais nobres momentos da história e do pensamento. Nossa imitação será sempre original. Aprenderemos dos grandes homens o segredo por onde chegaremos a esta própria maturidade. Os modelos sucessivos e cada vez mais elevados que nos propusemos para os venerar, nos ensinaram somente a lei da nossa individualidade, apta a subir uma escala infinita de perfeições. É uma indicação de nosso temperamento a série de nossas admirações sucessivas. Elas indicam nossa esperança secreta, ampliada sem cessar. Elas são uma luz que nos antecede sobre o caminho que abrimos a nós mesmos (ANDLER, 1958, p. 207).

A educação deve promover não o conhecimento de si, mas a liberação de si em prol de uma causa mais nobre, a saber, o engendramento do gênio, porque só ao gênio “é permitido não temer entrar na mais hostil das contradições com as formas e os regulamentos existentes, caso ele queira manifestar claramente a verdade e a ordem superior que carrega no seu interior” (NIETZSCHE, 2003, p. 151). Para

Nietzsche, só o gênio é capaz deste desprendimento; ele próprio deixou de ser professor público para ser um “pensador privado”, bem como Sartre.

Os pensadores privados possuem duas características: uma espécie de solidão reservada para si em todas as circunstâncias; porém também uma certa agitação, uma certa desordem do mundo onde eles surgem e no qual eles falam. [...] Porém, maior ainda que a solidão do pensador privado, é a solidão daqueles que procuram um mestre, que

desejam um mestre, e não puderam encontrá-lo em um mundo agitado (DELEUZE, 2002, p. 110-111).

Havemos ainda de reconhecer que, neste “mundo agitado” em que nos encontramos, mesmo a necessidade íntima de um mestre já seria um sinal de emancipação. Os modos de vida se encontram tão depauperados, que a procura de Nietzsche, de um mestre desligado das condições oferecidas pelo Estado, uma espécie de sofista dos tempos atuais, ainda nos soa inteiramente intempestiva, de vez que os valores permanecem invertidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDLER, C. **Nietzsche: sa vie et sa pensée**. Paris: Gallimard, 1958. v. 1 et 2.

DELEUZE, G. **L'Île déserte et autres textes**. Textes et entretiens 1953-1974. Édition préparée par David Lapoujade. Paris: Minuit, 2002.

KOFMAN, S. Le/les “concepts” de culture dans lês “Intempestives” Ou la doublé dissimulation. In: PEYROU, C. **Nietzsche aujourd'hui?** Paris: Union Générale D'Éditions, 1973. Coletiva de textos apresentados pelo Centre culturel international de Cerisy-la-Salle, realizado em julho de 1972. (n. 2: Passion).

NIETZSCHE, F. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Oeuvres philosophiques complètes II: Considérations inactuelles III et IV – Schopenhauer éducateur; Richard Wagner à Bayreuth / Fragments posthumes début 1874 – printemps 1876**. Paris: Gallimard, 1988.

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Seconde consideration intempestive: De l'utilité et de l'inconvénient des études historiques pour la vie**. Paris: Flammarion, 1988.